

## **ANÁLISE DAS DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL EM ASSOCIAÇÕES DO CEARÁ**

**JULIA MITSUE VIEIRA CRUZ KUMASAKA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

**BARBARA BRAGA CRUZ**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

**SANDRA MARIA DOS SANTOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) por ter fomentado a realização desta pesquisa por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, tornando-se essencial para o seu desenvolvimento e sua finalização.

# ANÁLISE DAS DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL EM ASSOCIAÇÕES DO CEARÁ

## 1 INTRODUÇÃO

A inovação social trata da busca por uma nova resposta, a fim de suprir uma necessidade social, criando novas interações entre os indivíduos, em busca do bem-estar coletivo (CLOUTIER, 2003; MOULAERT *et al.*, 2005). Segundo Tondolo (2013), o atendimento das diversas necessidades sociais, como educação, saúde e renda desenrola-se no terceiro setor que, ao produzir uma inovação social, promove o desenvolvimento e bem estar da população.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a inovação social é expressa como a cooperação e participação dos indivíduos que buscam atender demandas sociais não satisfeitas, por meio de soluções inovadoras, a fim da inserção no contexto do mundo globalizado e produzindo mais qualidade de vida (BIGNETTI, 2011).

Conforme analisam Correia, Oliveira e Gómez (2016), os projetos caracterizados como inovações sociais resultam da percepção de um certo território como um local marcado por necessidades econômicas, culturais e ambientais não satisfeitas pelo modelo de desenvolvimento com propósitos unicamente econômicos. Dessa forma, as discussões sobre a inovação social passam a progredir à medida que ficam evidentes os problemas sociais resultantes de crises, ineficiência de governos e falhas de mercados.

Atualmente, os estudos sobre inovação social ainda não são considerados muito consistentes, visto que existem várias definições e perspectivas sobre o tema, o que faz sua abordagem demasiadamente ampla (MOULAERT *et al.*, 2005). Entre outras razões, isso deve-se ao fato de que as metodologias utilizadas na pesquisa sobre casos de inovações sociais ainda são controversas, cabendo aos pesquisadores um desenvolvimento metodológico sobre o tema (MOULAERT *et al.*, 2005; SOUZA; SILVA FILHO, 2014). Assim, são criados modelos de análise que buscam identificar e evidenciar as questões mais relevantes no campo da inovação social.

Dentro dessa perspectiva, Tardif e Harrisson (2005) desenvolveram um estudo com a finalidade de identificar as características da inovação social que mais se apresentavam comuns em uma triagem de 49 casos pesquisados. As dimensões classificadas pelos autores para análise da inovação social foram: Transformações, Caráter Inovador, Inovação, Atores e Processos.

Dessa forma, essa pesquisa propõe investigar como as dimensões da inovação social, à luz do modelo Tardif e Harrisson (2005), se manifestam em projetos voltados para crianças e jovens que se encontram em estado de vulnerabilidade social.

Além disso, vale ressaltar que poucos estudos empíricos sobre o tema em questão são observados no Brasil, mesmo tendo o foco na transformação social, o que é de extrema importância para países em desenvolvimento (CORDEIRO, 2019).

Um dos projetos investigados é a Associação Estação da Luz, situada na cidade de Eusébio/CE, que tem por objetivo desenvolver seus beneficiários a partir da educação, cultura e esporte, juntamente com princípios como: verdade, retidão, paz, amor e não violência (SATHYA SAI, 2018). Somando os atendidos diretamente em todos os projetos o número ultrapassa 800 jovens e crianças, os quais, em sua maioria, residem no município de Eusébio. O segundo projeto estudado refere-se à Associação Nossa Casa Mãe África, localizada no bairro Granja Lisboa, periferia da cidade de Fortaleza/CE, que atende crianças e jovens, moradoras da região e proximidades. O bairro é caracterizado por se situar em uma das regiões mais pobres da cidade, a Regional V, composta na sua maior parte por um conjunto de bairros circunvizinhos conhecido como Grande Bom Jardim, marcado pelo alto grau de violência e baixo desenvolvimento socioeconômico (BRASIL *et al.*, 2010).

Quanto à metodologia, essa pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. Optou-se como estratégia de pesquisa por desenvolver um estudo de caso múltiplo. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental e observação direta. A análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo, com auxílio do software Atlas.ti, usado no estudo de dados qualitativos.

Este trabalho está estruturado em cinco seções: iniciando por esta introdução, problema e objetivo de pesquisa, seguindo para apresentação das discussões voltadas ao tema da inovação social, metodologia, análise dos dados e discussão dos resultados, considerações finais e referências usadas na pesquisa.

## **2 PROBLEMA E OBJETIVO DE PESQUISA**

Diante do exposto, o trabalho tem como questão de pesquisa: como as dimensões da inovação social, à luz do modelo Tardif e Harrisson (2005), se manifestam em projetos voltados para crianças e jovens que se encontram em estado de vulnerabilidade social? Dessa forma, o estudo possui como objetivo geral: investigar como as dimensões da inovação social, à luz do modelo Tardif e Harrisson (2005), se manifestam em projetos voltados para crianças e jovens que se encontram em estado de vulnerabilidade social. Acompanhando o objetivo geral, tem-se os seguintes objetivos específicos: a) Analisar os elementos da dimensão “Transformações”; b) Analisar os elementos da dimensão “Caráter Inovador”; c) Analisar os elementos da dimensão “Inovação”; d) Analisar os elementos da dimensão “Atores”; e) Analisar os elementos da dimensão “Processos”.

## **3 INOVAÇÃO SOCIAL**

Segundo Maurer (2011), a elaboração de novas soluções com o propósito de atender necessidades e interesses dos indivíduos que fazem parte de uma determinada sociedade é identificada com uma inovação social. O conceito de inovação social vem sendo cada vez mais abordado pelo *mainstream* das Ciências Sociais, fato esse decorrente da percepção de que o desenvolvimento de comunidades locais estaria intrinsecamente associado às mudanças sociais do que às inovações tecnológicas por si só (MOULAERT *et al.*, 2005; MULGAN, 2007).

A inovação social é considerada a manifestação de atores da sociedade buscando a transformação das relações sociais, por meio de respostas inovadoras, visto que as políticas existentes têm se revelado insuficientes no combate dos problemas sociais, como pobreza, ausência de oportunidades econômicas e negligência do Poder Público na prestação dos serviços (BOUCHARD, 2012; SEN, 2010). Assim, diferentes autores propõem que a inovação social é o processo de implementação de uma nova ideia em um contexto de insatisfação, com a finalidade de atingir o bem comum (TARDIF, HARRISSON, 2005; CLOUTIER, 2003; MULGAN, 2007, BIGNETTI 2011, ANDRÉ, ABREU, 2006).

As formas de análise da inovação social visam reconhecer e demonstrar as questões que envolvem o tema, através do desenvolvimento de modelos que buscam estruturar o processo. A inovação social, portanto, não deve ser encarada como uma prática isolada, mas sim como um campo de pesquisa em construção teórica, onde deve-se buscar explorar suas dimensões e características (MOULAERT *et al.*, 2013). Assim, são identificados modelos para a análise da inovação social com o intuito de fornecer uma contribuição teórica a fim de avançar nas discussões nesse campo de estudo.

Cloutier (2003) afirma que a inovação social define novas formas de fazer as coisas e que, por meio de seu caráter inovador, tem o objetivo de solucionar problemas sociais, gerando melhoria de vida para os indivíduos e comunidades. Dentro dessa perspectiva, a autora propôs um modelo de análise (figura 1) em que a inovação social é definida a partir de quatro dimensões - Objeto, Alvo, Processo, Resultados - as quais envolvem a identificação da

natureza da inovação (Objeto), seu o processo de criação e implementação (Processo), quem são os atores envolvidos, ou seja, para quem as inovações são designadas (Alvo), além de identificar os objetivos através dos resultados das mudanças (Resultados) (CLOUTIER, 2003).

Figura 1 – Dimensões de análise da inovação social por Cloutier (2003)

<b>Objeto (O quê?)</b>	<b>Campo (Onde?)</b>	<b>Alvo da mudança</b>	<b>Objetivo (Porquê?)</b>	<b>Processo (Como?)</b>	<b>Resultados</b>
- novidade: caráter inovador - importância das mudanças: escopo e profundidade - tangibilidade: processo, produto	- todos os setores da sociedade	- indivíduo - território - empresa	- bem-estar individual e coletivo - resolução e prevenção de problemas	- diversidade de atores - grau de participação	- importância da qualidade relativa dos resultados

Fonte: Adaptado de Cloutier (2003).

No Brasil, diversos autores apresentam modelos de análise como alternativas para o entendimento de como se dão as inovações sociais nos mais diferentes contextos da sociedade. Correia, Oliveira e Gómez (2016) declaram que a inovação social é identificada através de cinco dimensões de análise, sendo elas: Atores, Processos e atividades coletivas, Necessidades sociais, Melhorias e respostas sociais, e Inovatividade. Através dessas características, as autoras enfatizam que o papel desempenhado pelo ator organizacional é o de articular as iniciativas de baixo para cima (*bottom-up*) para satisfazer as necessidades básicas e possibilitar o acesso a políticas públicas; assim, as inovações sociais não estão limitadas ao uso da tecnologia, mas são instrumentos que geram ganhos sociais a partir de profundas mudanças nas relações entre os indivíduos (CORREIA; OLIVEIRA; GÓMEZ, 2016).

A partir da observação dos modelos de inovação social, Patias *et al.* (2017) recentemente desenvolveram uma construção teórica que reúne as evidências do processo e principais dimensões de uma inovação social, contemplando novas metodologias e conceitos. Dessa forma, sugerem que a inovação social surge a partir de um dado problema ou crise, partindo para a organização de atores - pessoas, redes, empresas, governo, terceiro setor, dentre outros – para propor ideias e elaborar projetos, enfatizando a participação máxima de todos e visando o alcance dos objetivos. Na fase de execução é analisada a sustentação do projeto por meio da avaliação constante no sentido de ocorrer aprendizagem social dos sujeitos envolvidos. O potencial da inovação social é observado devido ao poder de transformação do público-alvo através do atingimento dos objetivos propostos, com a perspectiva de que a inovação social consiga se prolongar e gerar ganhos sociais e econômicos (PATIAS *et al.*, 2017).

Por fim, destaca-se o trabalho de Tardif e Harrisson (2005), que será utilizado como principal lente teórica nessa pesquisa. O alcance do estudo realizado e a série de detalhes do modelo de análise, que contempla características verificadas no conjunto de casos estudados pelos pesquisadores do *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales* (CRISES), um dos principais centros de pesquisa no campo da inovação social, justificam a escolha do modelo para o presente estudo. Ademais, as dimensões e subdimensões que constituem o quadro proposto por Tardif e Harrisson (2005) (figura 2) possibilitam a avaliação de diferentes casos de inovações sociais.

### **3.1 Dimensões de análise da inovação social por Tardif e Harrisson (2005)**

Tardif e Harrisson (2005) fazem uma análise da inovação social apoiando-se no contexto em que ela surge, como a crise nas instituições, condições de vida e de trabalho. Eles

propõem um quadro de análise (figura 2) formado por cinco categorias de estudo que podem ser verificadas na inovação social, que são: Transformações, Caráter Inovador, Inovação, Atores e Processos.

Figura 2 – Dimensões de análise da inovação social por Tardif e Harrisson (2005)

<b>Transformações</b>	<b>Caráter Inovador</b>	<b>Inovação</b>	<b>Atores</b>	<b>Processos</b>
<b>Contexto macro/micro:</b> - crise - ruptura - descontinuidade - modificações estruturais  <b>Econômicas:</b> - emergência - reconversão - ajustamento - relações de trabalho/produção/consumo  <b>Sociais:</b> - recomposição - reconstrução - exclusão/marginalização - prática - mudança - relações sociais/de gênero	<b>Modelo:</b> - de trabalho - de desenvolvimento - de Quebec - de governança  <b>Economia:</b> - do saber/conhecimento - mista - social  <b>Ação social:</b> - tentativas - experimentos - políticas - programas - arranjos institucionais - regulação social	<b>Escala:</b> - local  <b>Tipos:</b> - técnica - sociotécnica - social - organizacional - institucional  <b>Finalidade:</b> - bem comum - interesse geral - interesse coletivo - cooperação	<b>Sociais:</b> - movimentos cooperativos/comunitários/associativos - sociedade civil - sindicatos  <b>Organizações:</b> - empresas - organizações da economia social - organizações coletivas - destinatários  <b>Institucionais:</b> - Estado - identidade - valores/normas  <b>Intermediários:</b> - comitês - redes sociais/alianças/de inovação	<b>Modo de coordenação:</b> - avaliação - participação - mobilização - aprendizagem  <b>Meios:</b> - parcerias - concertação - integração - negociação - empoderamento - difusão  <b>Restrições:</b> - complexidade - incerteza - resistência - tensões - compromissos - rigidez institucional

Fonte: Adaptado de Tardif e Harrisson (2005).

A dimensão “Transformações” refere-se ao desenvolvimento da inovação social dentro de um contexto local, seja econômico seja social. Em geral, o ambiente mais adequado ao seu surgimento é marcado por crises, que causam situações difíceis no ambiente em que está inserido. A ruptura ou a descontinuidade do processo social que está vigorando levam a modificações estruturais. Assim, ao observar o contexto macro e micro, que constitui-se um ambiente controverso, assim como os cenários de exclusão e marginalização, as motivações para a criação das inovações sociais são construídas (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Diante das transformações ocasionadas pelas crises, Tardif e Harrisson (2005) afirmam que as soluções encontradas são descritas como inéditas para as condições em que surgem. Dessa forma, na segunda dimensão de análise do modelo, “Caráter Inovador”, os autores definem que a inovação ocorre através da efetivação de novos arranjos institucionais e novas regulações sociais, promovidos pela interação entre os atores, levando à ação social inovadora. Tardif e Harrisson (2005) descrevem que a inovação social atravessa fases de tentativas e experimentos, execução de novos programas e políticas, tendendo a se institucionalizar e disseminar suas ações para outros contextos. A partir dessas ações são gerados diferentes modelos de trabalho, com foco nas formas de organização do trabalho, de desenvolvimento, que tem o Estado como ator principal, de governança, caracterizadas pelas parcerias entre Poder Público e demais instituições, ou o modelo de Quebec, gerado pelas inovações sociais do sistema Quebec; além disso, constitui uma “nova” economia a qual as ações pertencem, seja ela economia do saber, mista ou social (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Tardif e Harrisson (2005) consideram na terceira dimensão proposta, a “Inovação”, qual a finalidade da inovação: o bem comum, interesse geral, interesse coletivo e a cooperação entre os atores. As inovações sociais, segundo Tardif e Harrisson (2005), possuem diferentes tipos, sendo: inovações técnicas, sociotécnicas, organizacionais, institucionais e sociais. A inovações sociais do tipo “social”, especificamente, são desenvolvidas pelos atores da sociedade civil, portanto, não determinadas em organizações, empresas ou pelo Estado, utilizando-se da cooperação para gerar melhorias no bem-estar dos atores envolvidos. Quanto à abrangência das ações, a inovação social deve ser sempre analisada como um processo local ou localizado, visto que se pretende solucionar questões sociais em um contexto local (TARDIF; HARRISSON, 2005).

A dimensão “Atores” refere-se à participação e comprometimento dos atores envolvidos na inovação, podendo surgir em diferentes níveis e setores, como os atores sociais (movimentos comunitários, cooperativas, associações e sindicatos), organizacionais (empresas privadas, organizações coletivas e organizações da Economia Social), institucionais (Estado) e intermediários (comitês, redes sociais de alianças e de inovações). Para Tardif e Harrisson (2005), é importante que no processo de inovação ocorra a aprendizagem coletiva, levando à agregação de identidades, valores e normas com o intuito de fortalecer o desenvolvimento dos projetos de inovação social.

Por fim, a dimensão “Processos” tem como objetivo abranger as etapas de formação, implantação e disseminação da inovação social (TARDIF; HARRISSON, 2005). Assim, busca conhecer quais os modos de coordenação, os meios utilizados e as restrições encaradas, como resistências, tensões e incertezas, que podem afetar potencial da inovação.

Por meio das cinco dimensões de análise desenvolvidas por Tardif e Harrisson (2005), observa-se o seu surgimento por meio de um contexto motivador, percorrendo pela implementação das ações, com o envolvimento dos atores, e pela avaliação dos impactos das ações, devendo estar em constante aperfeiçoamento com o intuito de atingir os objetivos propostos no processo de inovação social.

#### **4 METODOLOGIA**

Este trabalho é de natureza qualitativa na medida em que procura compreender os significados e características nas relações entre o objeto de estudo e o ambiente em que está inserido no sentido de se obter um novo olhar sobre um assunto que pouco se conhece (CORBIN; STRAUSS, 1990).

No que se refere aos fins, essa pesquisa é do tipo descritiva. De acordo com Gil (2012) a pesquisa descritiva busca estudar as características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis, procurando interpretá-las. Quanto aos meios, esse estudo fez uso de levantamento bibliográfico, documental e de campo.

Ademais, adotou-se como estratégia de pesquisa o estudo de caso múltiplo. Yin (2005) afirma que a opção pelo estudo de caso múltiplo permite maior embasamento ao estudo, visto que as evidências passam a ter um teor mais convincente. Assim, foi realizado estudo de caso múltiplo com o objetivo de investigar como se percebem as dimensões da inovação social em dois projetos voltados para jovens e crianças presentes no estado do Ceará: a Associação Estação da Luz, localizada no município de Eusébio e a Associação Nossa Casa Mãe África, localizada no bairro Granja Lisboa, na cidade de Fortaleza.

Nesse estudo, as técnicas de coleta de dados adotadas foram pesquisa documental, técnica de observação direta e entrevista semiestruturada. No que diz respeito à pesquisa documental, Yin (2010) afirma que esse tipo de informação busca dar respaldo às evidências coletadas em fontes secundárias, como materiais disponíveis nos *sites* das organizações na internet, redes sociais, vídeos, fotografias, dentre outros. A técnica de observação direta, por meio da visita aos campos de estudo, tem como principal vantagem que os fatos são

percebidos diretamente pelo pesquisador, sem qualquer intermediação, amenizando os efeitos da subjetividade presente nas investigações sociais (GIL, 2012). O roteiro das entrevistas foi preparado com uso da teoria principal proposta pelo trabalho de Tardif e Harrisson (2005), conectando-se ao objetivo proposto nesta pesquisa. Além da base teórica principal, o roteiro foi inspirado nos instrumentos de coleta de um trabalho de dissertação, de Moreira (2017).

No primeiro estudo de caso realizado, os sujeitos da pesquisa foram os cinco principais gestores da Associação Estação da Luz: o presidente, o gerente geral, a coordenadora pedagógica da escola, a coordenadora social e a psicóloga (figura 3). Já no segundo caso estudado, a Associação Nossa Casa Mãe África, foram entrevistados três indivíduos com cargos de gestão, entre eles os dois fundadores da instituição, e dois professores (figura 4).

Figura 3 – Perfil dos entrevistados na Associação Estação da Luz

<b>Código</b>	<b>Cargo na Associação</b>	<b>Início do envolvimento com a Associação</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>
E1	Presidente	Desde a fundação	M	45	Superior completo
E2	Coordenadora pedagógica	Desde maio/2004	F	41	Superior completo
E3	Gerente geral	Desde 2006	M	36	Superior incompleto
E4	Coordenadora social	Desde outubro/2017	F	31	Especialização
E5	Psicóloga	Desde maio/2017	F	27	Superior completo

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Figura 4 – Perfil dos entrevistados na Associação Nossa Casa Mãe África

<b>Código</b>	<b>Cargo na Associação</b>	<b>Início do envolvimento com a Associação</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>
D1	Coordenadora cultural	Desde a fundação	F	62	Especialização
D2	Coordenador Administrativo	Desde a fundação	M	64	Superior incompleto
D3	Membro da diretoria	Desde 2013	M	36	Ensino médio
D4	Professor	Desde 2018	M	24	Superior completo
D5	Professora	Desde 2017	F	22	Superior completo

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Para análise dos dados, foi utilizado o método da análise de conteúdo que consiste em técnicas de análise das comunicações, no sentido de inferir conhecimentos e compreender o que está relacionado às mensagens (BARDIN, 2016). A análise, então, foi realizada nas suas três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2016). Assim, puderam ser inferidos conhecimentos e relações entre variáveis a partir da descrição do conteúdo levantado em campo. Para isso, o *software* ATLAS.ti 7 foi utilizado para a organização das categorias e subcategorias de análise. O programa promove a análise mais sistemática de dados qualitativos, organizando e categorizando as entrevistas transcritas e, assim, permite sua ligação com as dimensões e demais elementos apresentados pelo modelo de Tardif e Harrisson (2005), presentes na figura 2 da seção 3, facilitando as ligações com os dados colhidos. A seção de análise e discussão dos resultados, portanto, será estruturada de acordo com as dimensões da inovação social, onde cada uma das cinco dimensões constitui uma categoria de análise.

#### 4.1 Descrição dos casos estudados

O primeiro caso estudado refere-se à Associação Estação da Luz, uma organização não governamental (ONG) sem fins lucrativos, criada em 2004, que visa desenvolver crianças

e adolescentes através da cultura de paz e solidariedade e possui três vertentes principais: Cultura, Esporte e Educação (ESTAÇÃO DA LUZ, 2018).

Na vertente “Educação”, a instituição possui a Escola Professor Clodomir Teófilo Girão que, atualmente, atende do infantil III até o 6º ano do Ensino Fundamental. O método de ensino utilizado é diferenciado em relação às escolas da região por ser baseado no método *Sathya Sai*. Além disso, há o Projeto Profissionalização de Jovens com foco na inserção no mercado de trabalho de jovens da área de manutenção de computadores e redes. Na vertente “Esporte”, a Associação contém o projeto Vida e Esporte, que conta com a escolinha de futebol e aulas recreativas, além da escolinha de ginástica rítmica. Já em relação à “Cultura”, existe o projeto Tocando a Vida com aulas de flauta, violão, percussão e canto (ESTAÇÃO DA LUZ, 2018).

Aproximadamente 800 crianças, jovens e adolescentes são beneficiados pela ONG, sendo acompanhados por psicólogas, pedagogas e assistentes sociais para a maior eficácia da difusão da cultura de paz, dos valores humanos e aprendizagem (ESTAÇÃO DA LUZ, 2018).

Com relação ao segundo estudo de caso, a Associação Nossa Casa Mãe África, fundada em 2007, é uma organização não governamental (ONG) com fins não lucrativos criada com o intuito de promover atividades culturais, formação profissional, campanhas de proteção à saúde e sensibilização à preservação do meio ambiente para crianças e jovens residentes do bairro Granja Lisboa e arredores, região de Fortaleza marcada pelas famílias de baixa renda (ASSOCIAÇÃO NOSSA CASA MÃE ÁFRICA, 2018).

Atualmente, a instituição recebe 238 crianças para atividades diárias. As atividades envolvem aulas de capoeira, coral e violão, balé, desenho, xadrez, circo, flauta, interpretação de texto e teatro. Como requisito para entrada e permanência na Associação, durante o ano, as crianças recebem o acompanhamento do seu desempenho escolar regular, através do boletim de notas e frequência das aulas (ASSOCIAÇÃO NOSSA CASA MÃE ÁFRICA, 2018).

Desde 2010, as crianças participam, anualmente, do projeto Natal de Luz de Fortaleza, promovido pela Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL). O coral é formado por 130 crianças, sendo 100, integrantes da Associação. Assim, é objetivo da Associação fazer parte do processo de desenvolvimento das crianças como futuros cidadãos por meio do ensino da cultura e do respeito ao próximo (ASSOCIAÇÃO NOSSA CASA MÃE ÁFRICA, 2018).

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Esta seção busca apresentar e interpretar os resultados dos casos estudados de acordo com o *framework* de análise deste estudo - modelo de Tardif e Harrisson (2005) – sendo dividido nas dimensões Transformações, Caráter Inovador, Inovação, Atores e Processos da inovação social.

### **5.1 Dimensão “Transformações”**

As duas organizações em estudo estão localizadas no Ceará, com datas de fundação próximas, como já foi dito anteriormente, então seu contexto macro pode ser analisado de forma conjunta.

Segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), havia cerca de 20 homicídios a cada 100 habitantes no Brasil, em 2002, ou seja, a violência já era um traço bastante presente no país (GONÇALVES *et al.*, 2017). Ainda nesse sentido, em 1999 já existia um alerta sobre a violência e focalizando que suas principais causas estariam na fome e na pobreza (CHESNAIS, 1999).

Partindo para o contexto micro, a Estação da Luz está localizada no município de Eusébio, na região metropolitana de Fortaleza, onde a taxa de óbitos por agressão identificados pelo local de residência da vítima cresceu de 21,04 em 2001, para 27,24 em



2004, por 100 mil habitantes (CEARÁ PACÍFICO, 2017). Assim, apenas a capital do estado é mais violenta do que o Eusébio.

Já a sede da Associação Nossa Casa Mãe África está no bairro Granja Lisboa em Fortaleza, onde em um estudo realizado em 2010 pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE), constatou-se que é o segundo bairro mais populoso da cidade com 49 mil habitantes, além de ser um dos mais pobres com rendimentos médios de 3,07 salários mínimos (BRASIL *et al.*, 2010).

Além disso, o narcotráfico é muito presente na região, como disse a entrevistada D2 (2018): “É uma comunidade carente, em que os pais, principalmente quando começou o advento do narcotráfico, né, muitas famílias ficaram sem os pais ou estão com os pais presos”.

Porém, mesmo com o evidente contexto de necessidade, isso não foi o que motivou a criação da Estação da Luz, pois foi dito pelo entrevistado E1 (2018) que: “Quando a gente começou a atuar lá no Eusébio, a gente não focou a sociedade do Eusébio, mas foi mais uma questão de condição que a gente tinha por parte das empresas do grupo estarem lá, né, parte do grupo empresarial estar lá, a gente teve a oportunidade de atuar lá. Mas não foi nenhuma ação voltada a atuar diretamente na questão social do Eusébio”. Ou seja, o motivo da escolha de local de atuação foi a facilidade em estar próximo às organizações das pessoas envolvidas no processo de criação da associação.

Já no caso da Associação Nossa Casa Mãe África, a região foi escolhida pelo seu contexto de desvantagem econômica e social, como pode ser observado na fala do entrevistado D1 (2018): “Aí foi surgindo a ideia da gente fazer um trabalho social por conta que a gente viu que era muito carente as crianças, né, [...] mães fazendo pequenos bicos, alguns pais presos e as mães assumindo a casa. O mais importante era eles ter uma atividade cultural, pois muitos deles viviam trancados em casa enquanto as mães iam fazer bico, aí o objetivo era trazer a cultura, pois o Bom Jardim é muito discriminado por tanta violência, né”.

Dessa forma, apesar dessa diferença na motivação da escolha do local de atuação, as duas associações buscam proporcionar acesso à cultura e lazer para as crianças e jovens atendidos, como disse a entrevistada E5 (2018): “pegar esses meninos, tirar da rua e dar uma função, dar uma atividade, dar algo que motive eles positivamente”. Além da educação no primeiro caso fornecida pela própria escola e no segundo caso com o acompanhamento do desenvolvimento escolar dos seus beneficiários.

Figura 5 - Resultados da dimensão Transformações

Subdimensões	Achados Associação Estação da Luz	Achados Associação Nossa Casa Mãe África
<p><b>Contexto macro / micro</b> (Crise, ruptura, descontinuidades, modificações, estruturais)</p> <p><b>Estruturas econômicas</b> (emergência, reconversão, ajustamento, relações de trabalho/produção/consumo)</p> <p><b>Transformações sociais</b> (recomposição, reconstrução, exclusão/marginalização, prática, mudança, relações sociais/de gênero)</p>	<p>O <b>contexto macro e micro</b> eram caracterizados pela crise de violência.</p> <p>As <b>estruturas econômicas</b> de desvantagem da região <b>não</b> influenciaram na sua criação.</p> <p>Assim, o interesse era <b>transformar</b> a realidade <b>social</b> de vulnerabilidade, exclusão e marginalização dos beneficiários.</p>	<p>O <b>contexto macro e micro</b> eram caracterizados pela crise de violência e pela pobreza.</p> <p>As <b>estruturas econômicas</b> de desvantagem da região influenciaram <b>sim</b> na sua criação.</p> <p>Assim, o interesse era <b>transformar</b> a realidade <b>social</b> de vulnerabilidade, exclusão e marginalização dos beneficiários.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base nas dimensões de Tardif e Harrisson (2005).

## 5.2 Dimensão “Caráter Inovador”

A Estação da Luz foi fundada quando os donos de algumas organizações localizadas no Eusébio viram a carência da região e quisera, por desejo pessoal, ajudar de alguma forma, *“o grupo sentiu a necessidade de trabalhar o social, tanto externo como internamente, né... qual o nosso papel diante do mundo, né? Diante da humanidade. Da nossa família, das nossas responsabilidades”* (E1, 2018). Assim, os seus fundadores são amigos empresários, caracterizados como atores organizacionais, e as primeiras ações foram iniciadas dentro da área de responsabilidade social de uma das empresas e com o foco mais na ajuda financeira para a compra de materiais para a realização de oficinas. No momento que foi percebida a necessidade de uma maior profissionalização para o crescimento das ações, a associação foi criada e os colaboradores foram contratados formalmente.

Já no caso da Associação Nossa Casa Mãe África, os fundadores foram um casal que tinham a convicção de que as crianças da comunidade eram talentosas e só precisavam de alguém que acreditasse nelas. Dessa forma, no início a associação era mantida apenas com os recursos próprios dos dois e somente com o passar do tempo e crescente adesão da comunidade e ajuda de empresários que a instituição foi crescendo (D1, 2018). Nessa perspectiva, a participação das mães, quinze atualmente, de forma voluntária é significativa para o funcionamento da associação, pois elas se revezam e ajudam com a limpeza, as refeições e cuidando das crianças.

No primeiro caso, dois projetos iniciais acabaram frustrados, como foi dito pela entrevistada E2 (2018): *“Foi o ‘Estação online’ e o ‘Reciclando atitudes’.* Mas isso foi no início, do início mesmo. Talvez não fosse o foco, né, talvez não fosse a necessidade que a nossa comunidade tava precisando no momento”. Ou seja, a ideia de trabalhar com reciclagem e inserção tecnológica não deu certo. Já no segundo caso, nenhum projeto deixou de ser realizado por falta de adesão das crianças.

Sobre o arranjo institucional, na Estação da Luz, pode ser notado pelo que já foi dito anteriormente, que foi formalizado desde o início, buscando permitir a participação de todos, mas seguindo a hierarquia e autoridade existentes. Assim, os beneficiários não possuem características de liderança nas decisões, o que não vai de encontro com o que foi definido na teoria. Já no caso da Associação Nossa Casa Mãe África, a hierarquia formal não é presente na prática, apesar de existir um Estatuto e cargos necessários para a legalização, foi dito pelo entrevistado D2 (2018) que *“sempre todo mundo se envolvia no processo”*. Foi observado pelas pesquisadoras o respeito e a liderança que os dois fundadores possuem, mas os outros atores possuem uma participação essencial, caracterizando um novo arranjo institucional. Ademais, o relacionamento entre comunidade, parceiros, coordenadores e crianças pode ser percebido por ser *“constantemente buscando essa coisa de se doar, e não aquele negócio de querer pra si, mas doar”* (D5, 2018), caracterizando uma nova forma de regulação social.

Já em relação à “nova” economia gerada pela organização, na Estação da Luz pode ser caracterizada como de conhecimento, a fala do entrevistado E3 (2018) auxilia nessa percepção: *“Assim, a gente não é uma empresa com fins lucrativos, certo? Então o nosso valor aqui é social. Então dentro dos nossos projetos, da escola, essa metodologia que a gente usa [EVH], a gente tem as nossas capacitações profissionais para os nossos jovens pra ser inserido diretamente no mercado de trabalho. Ai eu acho que vem o valor econômico, certo? Mas assim, a gente gerar um produto pra gente ter lucro em cima desse produto, não tem”*.

O mesmo pode ser observado na Associação Nossa Casa Mãe África quando a entrevistada D1 (2018) afirma que o foco não é financeiro, é muito mais no sentido do saber *“[...] a gente aqui cuida da arte, mas cuida da pessoa, cuida dos outros... Aí essas coisas que a gente tá tentando porque com isso eu vou tá cuidando, basicamente, da cabeça deles”*.

Os dois casos não se encaixam nos tipos de modelos definidos por Tardif e Harrisson (2005), pois não existe uma participação direta do governo na geração ou administração das

duas associações e nem foram criadas com o intuito de ser uma inovação para as formas de trabalho em uma organização.

Figura 6 – Resultados da dimensão Caráter Inovador

Subdimensões	Achados Associação Estação da Luz	Achados Associação Nossa Casa Mãe África
<p><b>Ação social</b> (tentativas, experimentos, políticas, programas, arranjos institucionais, regulação social)</p> <p><b>Economia</b> (do saber/ conhecimento, mista, social)</p> <p><b>Modelo</b> (de trabalho, de desenvolvimento, de Quebec, de governança)</p>	<p>A <b>ação social</b> baseou-se em tentativas e experimentos, apresentando alguns fracassos. O arranjo institucional era padrão, sem nova forma de regulação social.</p> <p>A “nova” <b>economia</b> desenvolvida é a do conhecimento, uma vez que a organização não tem fins lucrativos e o valor é social.</p> <p>O <b>modelo</b> não foi identificado.</p>	<p>A <b>ação social</b> baseou-se em coesão e adesão da comunidade de forma natural. O arranjo institucional é novo, com uma nova forma de regulação social.</p> <p>A “nova” <b>economia</b> desenvolvida é a do conhecimento, uma vez que a organização não tem fins lucrativos e o valor é social.</p> <p>O <b>modelo</b> não foi identificado.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base nas dimensões de Tardif e Harrisson (2005).

### 5.3 Dimensão “Inovação”

A escala das duas associações pode ser considerada local, pois as duas possuem o seu maior impacto na comunidade onde atual, onde está a maioria dos seus beneficiários diretos.

O tipo das duas instituições é social, pois partiram da ação de atores da sociedade civil, sendo organizações ou indivíduos, em prol da sociedade como um todo.

Além disso, os dois casos possuem como finalidade o bem comum, pois a Estação da Luz de acordo com o entrevistado E2 (2018): *“o objetivo principal da Estação da Luz é promover uma cultura de paz, fazer com que os nossos beneficiários, eles tenham oportunidades de crescimento de acordo com os nossos projetos”*. O mesmo entrevistado em outro trecho diz: *“e dentro dos nossos projetos fazer com que essas pessoas tenham uma realidade diferente dos pais, entendeu?”*.

Assim, os beneficiários diretos são crianças e jovens entre 3 e 24 anos, além dos adultos e idosos que participam dos projetos de alfabetização e de profissionalização. Ademais, todos os entrevistados citam claramente que as famílias e os funcionários também são impactados de forma positiva, como pode ser observado na fala da entrevistada E4 (2018): *“temos a nossa equipe, que eu considero os maiores beneficiários, isso sem demagogia”* e na fala da entrevistada E5 (2018): *“Porque a Estação não trabalha só com as crianças, a gente também faz reunião com os pais, tenta dar informação pra esses pais, faz campanha com os pais, campanha do dia da mulher, campanha de suicídio. Então todas essas campanhas a gente faz voltadas para esse público dos pais”*.

Vale ressaltar que os funcionários participam de cursos explicativos sobre o método indiano utilizado na Associação e isso repercute em todas as áreas de suas vidas, como citado pelo entrevistado E1 (2018): *“eu tiro pelo meu próprio exemplo, essa interação na minha vida profissional, né, e na minha vida pessoal, ela tá cada vez ficando mais próxima. Porque eu to aprendendo muito aqui na área social de quão importante é essa relação”* e pela entrevistada E4 (2018): *“Essa melhoria como pessoa, sabe? Refletir sobre algumas questões, identificar o que não tava legal, né, perceber aquilo que precisa ser melhorado. Porque é como eu te falei, não dá pra ser lá fora uma coisa e aqui dentro outra”*.

A Associação Nossa Casa Mãe África tem como principal objetivo oferecer cursos de balé, desenho, xadrez, circo, canto, coral, violão, flauta, interpretação de texto e teatro, além de promover a integração com a família das crianças, ajudando-as a se inserir em um contexto econômico e social, ajuda a “formar cidadãos mais conscientes, com caráter, com educação, e que isso, através da cultura, dá essa formação enquanto cidadão, enquanto ser humano, além de tudo” (D4, 2018).

Nesse sentido a Associação acredita no trabalho da prevenção, ou seja, crianças de 7 a 17 anos, já que “como é prevenção, se eu consigo prever, eu não vou ter o trabalho de corrigir, e é um trabalho mais doce, porque você vai educando, vai formando” (D2, 2018). Assim, os principais beneficiários são as crianças e jovens, além das mães voluntárias já citadas que também recebem cursos e dos profissionais que trabalham lá.

Figura 7 - Resultados da dimensão Inovação

Subdimensões	Achados Associação Estação da Luz	Achados Associação Nossa Casa Mãe África
<p><b>Escala</b> (local)</p> <p><b>Tipos</b> (técnica, socio técnica, social, organizacional, institucional)</p> <p><b>Finalidade</b> (bem comum, interesse geral, interesse coletivo, cooperação)</p>	<p><b>Escala</b> é local, pois o impacto restringe-se ao município de Eusébio.</p> <p><b>Tipo</b> de inovação é social, pois foi estabelecida por atores da sociedade civil.</p> <p>A <b>finalidade</b> é o bem comum dos beneficiários que são crianças e jovens entre 3 e 24 anos, além de adultos e idosos, suas famílias e os funcionários.</p>	<p><b>Escala</b> é local, pois o impacto restringe-se ao bairro Granja Lisboa, em Fortaleza.</p> <p><b>Tipo</b> de inovação é social, pois foi estabelecida por atores da sociedade civil.</p> <p>A <b>finalidade</b> é o bem comum dos beneficiários que são crianças e jovens entre 7 e 17 anos, além das mães voluntárias e os funcionários.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base nas dimensões de Tardif e Harrisson (2005).

#### 5.4 Dimensão “Atores”

Os atores sociais que participam ou participaram de alguma forma da Associação Estação da Luz são os primeiros envolvidos, como já foi dito, são os amigos empresários que se uniram e a organização onde as ações começaram, além dos beneficiários já citados. Na Associação Nossa Casa Mãe África os atores sociais também foram os primeiros a participarem sendo os dois fundadores inicialmente e em seguida todos os outros beneficiários diretos citados anteriormente.

Em relação aos atores organizacionais, as duas associações recebem boa parte do seu financiamento de empresas. No primeiro caso, as principais parcerias que podem ser citadas são com a empresa Ceará Segurança que doou o terreno onde está a sede da Associação e a Organização *Sathya Sai* que detém o método de ensino utilizado. Outras parcerias são com SESC e SENAC com cursos profissionalizantes, Banco do Brasil com o oferecimento de voluntários na alfabetização de adultos e idosos e a empresa Servis Segurança que disponibiliza o campo para as aulas de futebol, entre outras (ESTAÇÃO DA LUZ, 2018; D1, 2018).

Já no segundo caso, a entrevistada D1 (2018) afirma que a primeira parceria foi com o jornal O Povo: “começamos a fazer parte de projetos do jornal O Povo Cultural e eles foram trazendo mais padrinhos [pessoas e organizações].” Ademais, o entrevistado D2 (2018) cita outras empresas parceiras: “a gente tem a Bauducco, as 3 Corações e tem também aqui vizinha nossa, que é o Sítio Barreiras, semanalmente eles fazem doação de 4 caixas de banana pra gente, Servas do Brasil, que doou o piso.”, além da Fábrica de Pipocas e Salgadinhos Kero Mais que disponibiliza o terreno onde a Associação Nossa Casa Mãe África está instalada. Mas vale ressaltar a CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas), pois eles são os principais promotores do Natal de Luz, onde as crianças do coral se apresentam e é o principal evento do ano para a associação e que proporciona a maior visibilidade.

Já em relação aos atores institucionais, as duas associações não possuem uma ligação fixa. Porém, a Estação da Luz participa de editais de fomento à educação, lazer e esporte e possui um bom relacionamento com a Prefeitura Municipal. A Associação Nossa Casa Mãe África não participa de editais e a única parceria é estabelecida quando o Governo oferece cursos para a comunidade e utiliza a sede e o apoio da associação.

Para finalizar, sobre os atores intermediários, os entrevistados da Associação Nossa

Casa Mãe África não relataram nenhum caso relevante e o entrevistado da Estação da Luz E1 (2018) relatou sobre a participação da associação na rede Coperbem: *“Ela reúne várias instituições e várias empresas (...). As instituições, como eu disse, não são concorrentes, elas são colegas de atuação. Uma atua mais com jovem, outra atua mais com idoso, outra atua mais no lado da saúde. Então a gente ta se reunindo ali, né, pra trocar experiências, pra se ajudar, ora fazer com que cada um cresça, dando as mãos mesmo, sabe?”*.

Ademais, segundo a entrevistada E4 (2018): *“Nós temos participação ativa também nos conselhos de direito do município... nós estamos compartilhando espaços, onde nos é dada autonomia para resolver algumas questões, né. E aí não só coisas relacionadas a nossa instituição, mas o município todo, que aí são os conselhos de direito, né. Então assim, a gente acaba tendo essa troca também com os equipamentos públicos e com as outras instituições aqui do município”*.

Figura 8 - Resultados da dimensão Atores

Subdimensões	Achados Associação Estação da Luz	Achados Associação Nossa Casa Mãe África
<b>Sociais</b> (movimentos cooperativos/ comunitários/ associativos, sociedade civil, sindicatos) <b>Organizacionais</b> (empresas, organizações da economia social, organizações coletivas, destinatários) <b>Institucionais</b> (Estado, identidade, valores/normas) <b>Intermediários</b> (comitês, redes sociais/de alianças/de inovação)	São <b>atores sociais</b> : os fundadores, os beneficiários e os funcionários. Há diversas parcerias com <b>atores organizacionais</b> (empresas do segundo setor). As <b>parcerias institucionais</b> ocorrem apenas por meio de editais. Entre os <b>atores intermediários</b> , citam-se a Coperbem e a participação em conselhos municipais.	São <b>atores sociais</b> : os fundadores, os beneficiários e os funcionários. Há diversas parcerias com <b>atores organizacionais</b> (empresas do segundo setor). As <b>parcerias institucionais</b> ocorrem apenas por meio de cursos oferecidos pelo Estado. <b>Atores intermediários</b> não foram citados.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base nas dimensões de Tardif e Harrisson (2005).

### 5.5 Dimensão “Processos”

A primeira subdimensão em análise é a de meios, onde sobre a Estação da Luz pode ser observado que a integração e concertação acontecem de várias formas entre os seus diferentes atores, organizacionais, sociais e intermediários. Porém, a integração fundamental e difícil, de acordo com o entrevistado E3 (2018), é com a família: *“o beneficiário não fica aqui na instituição sozinho. Não é só o pai chegar, deixar, levar e acabou-se. Tem que ter a participação da família.”* Então, muitas atividades são voltadas à família e isso gera um sentimento de pertencimento, como afirmou a entrevistada E2 (2018): *“A horta, eles [os familiares] que vem ajudar a fazer, entendeu? Eles [os familiares] vem perguntar... “tia, a senhora vai precisar de mim? Hoje eu não posso não, mas tal dia...”*.

Para a Associação Nossa Casa Mãe África a integração e concertação já existem entre os seus atores e pode ser observado quando: *“A gente tentou ajuda de custo pra uma mãe vir fazer lanche, aí a gente chamou as mães e falamos “olha, se a gente botar mais um instrutor, com essa ajuda de custo, a gente amplia mais coisas pros seus filhos” e elas concordaram”* (D2, 2018), assim, acontece no dia a dia sem grandes formalidades.

Sobre o empoderamento, na Estação da Luz a entrevistada E4 (2018) citou: *“eu posso te citar os cursos de qualificação profissional, né, que aí a gente oferece esse curso pra comunidade, né, a comunidade se capacita, nessas oportunidades a gente trabalha a autonomia, trabalha a autoestima, trabalha o empreendedorismo, né, o empoderamento”*. Além disso, os métodos de aprendizagem utilizados estimulam as crianças, como descrito pela entrevistada E4 (2018): *“os meninos ficam extremamente críticos, né, eles têm perfil de liderança”*. No segundo caso, por meio da geração de cultura, a Associação busca estabelecer



uma relação de empoderamento entre as crianças, conforme fala a entrevistada D5 (2018): *“Eles chegam pra mim assim “olha só, eu tô afinado, olha só isso!”. Eles não eram acostumados a cantar à capela, a cantar ao vivo e eu tô desenvolvendo esse trabalho. Eles mesmos ficam “caraca, isso é muito legal, eu consegui fazer isso!” quando acerta. Se tu ver um grito por aí “ah, acertei!” é porque é desse jeito, eles acertam e eles mesmos percebem a desenvoltura”*.

Sobre a difusão das ideias e ações das associações, nenhum dos dois casos possui isso como objetivo a ser atingido, mas são abertos a receber e compartilhar seu conhecimento com toda a sociedade.

Já sobre a subdimensão do modo de coordenação, iniciando pelas formas de mobilização, na Estação da Luz a primeira ocorreu com as conversas entre os empresários fundadores. É interessante também destacar o caso da escola da associação, pois foi necessário que colaboradores procurassem as famílias para iniciar suas atividades, como relata a entrevistada E2 (2018): *“Antes na escola, nós tínhamos que ir atrás de alunos de porta em porta, né, batendo nas portas e as pessoas não queriam”*. Na Associação Nossa Casa Mãe África, é resultante do empenho dos gestores, professores, pais e alunos em conseguir os apoios necessários financeiros e o esforço para o cumprimento das atividades de forma devida. Desde o início, como foi citado anteriormente, os dois fundadores, principalmente, buscaram conseguir todos os recursos com o seu próprio empenho.

Em relação à participação dos beneficiários nas decisões, no primeiro caso foi visto que não ocorre diretamente, pois *“A gestão participativa, ela se dá com um pequeno grupo. É um grupo de quatro gestores... a gente também tem o nosso grupo de responsabilidade social, eu tenho um grupo de estagiários, ela [a coordenadora dos projetos] tem o grupo dela de estagiários, outros assistentes sociais (...) a gente passa para os demais funcionários, mas também capta deles”* (E5, 2018). No segundo caso, alguns beneficiários participam de forma mais ativa, já que muitas decisões são tomadas com o alinhamento de opiniões entre os diretores, instrutores e pais, em eventos organizados com esse propósito ou não, como na festa do dia das mães. Mas as crianças que são os beneficiários principais, não participam de forma ativa.

Já a avaliação dos processos e resultados na Estação da Luz ocorre semanalmente em reuniões das áreas e gerais e o desejo dos gestores é deixar esses momentos cada vez mais formalizados, inclusive criando métricas mais assertivas. Na Associação Nossa Casa Mãe África acontece apenas informalmente diariamente e em reuniões trimestrais. D4 (2018) afirma que *“cada um é muito livre pra fazer [a avaliação], pois cada instrutor tem uma maneira que funciona”*.

Finalizando a subdivisão de modo de coordenação, a aprendizagem coletiva ocorre nos dois casos com a troca de diferentes tipos de saberes entre os atores, como disse a entrevistada D5 (2018): *“Eu aprendo muito mais com elas [as crianças] do que elas aprendem comigo, porque é cada história que você vê, é cada coisa que cada criança passa... você não imagina, né, dessa idade, passou por isso e mesmo assim, tá aqui, tá cantando, tá fazendo isso, e a gente aprende muito, tô crescendo muito como profissional e como pessoa, e quero evoluir mais”*.

Na última subdimensão, as restrições que foram sinalizadas na Estação da Luz são referentes à resistência e a tensão gerada pela chegada da associação na comunidade. Como exemplo temos que *“na implantação da escola, havia um certo preconceito por ela ser baseada no método Sathya Sai Educare, método indiano e tal.”* (E1, 2018). Além disso, de acordo com a entrevistada E4 (2018): *“Nós temos famílias comprometidas (...). Mas não são todas. Então eu acredito que a maior dificuldade seja essa”*.

No caso da Associação Nossa Casa Mãe África, além das restrições também vividas pelo primeiro caso, também existe as dificuldades pela complexidade da dinâmica, D1 (2018):

“Problema de horário de escola, as crianças que estudam pela manhã tem a liberdade de estar aqui, fazendo tudo, mas as crianças que estudam a tarde sofrem muito, que queriam participar e não podem, né, então assim, o horário pra elas”. Além dessa dificuldade, os entrevistados relataram que a comunidade recebeu com estranheza o surgimento da Associação por pessoas que não eram da região, como afirma a entrevistada D1 (2018): “Eles não acreditavam que era de graça, achavam que a gente tinha algum interesse político, né, mas a gente foi conquistando e conquistando”.

Figura 9 – Resultados da dimensão processos

Subdimensões	Achados Associação Estação da Luz	Achados Associação Nossa Casa Mãe África
<b>Meios</b> (parcerias, concertação, integração, negociação, empoderamento, difusão) <b>Modo de coordenação</b> (avaliação, participação, mobilização, aprendizagem) <b>Restrições</b> (complexidade, incerteza, resistência, tensões, compromissos, rigidez institucional)	Entre os <b>meios</b> , se destacam as parcerias e concertações com atores organizacionais e a integração com a família do beneficiado. Há empoderamento dos beneficiários e de seus familiares, por meio do processo educativo e cultural. A difusão da inovação ocorre em diversos momentos. Na <b>coordenação</b> , percebeu-se mobilização nas atividades iniciais da Associação, mas não havia participação direta dos beneficiários na tomada de decisões. A avaliação é periódica, mas pretende ser mais formal. Entre as <b>restrições</b> , destaca-se a resistência e a tensão dos atores em relação às mudanças e novidades.	Entre os <b>meios</b> , se destaca as parcerias e concertações com atores organizacionais e a integração com a família do beneficiado. Há empoderamento dos beneficiários e de seus familiares, por meio do processo educativo e cultural. A difusão da inovação ocorre em diversos momentos. Na <b>coordenação</b> , percebeu-se mobilização nas atividades iniciais da Associação, com uma participação um pouco maior dos professores e familiares, mas ainda sem a das crianças. A avaliação é periódica, porém informal. Entre as <b>restrições</b> , destaca-se a resistência, a tensão dos atores em relação às mudanças e novidades e a complexidade da dinâmica.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base nas dimensões de Tardif e Harrisson (2005).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tinha como objetivo investigar como as dimensões da inovação social de Tardif e Harrisson (2005) são percebidas em projetos de cunho social voltados para jovens e crianças. Os casos estudados foram a Associação Estação da Luz e a Associação Nossa Casa Mãe África, comparando os dois resultados obtidos a partir da descrição das dimensões Transformações, Caráter Inovador, Inovação, Atores e Processos.

Observou-se, portanto, que os casos estudados, no decorrer do desenvolvimento de suas atividades, possuem constantes referências às dimensões de análise de Tardif e Harrisson (2005) verificados por meio dos relatos dos entrevistados. Dessa forma, o estudo dos casos utilizando-se o modelo em questão proporcionou dinamismo à análise, visto que a construção teórica feita no trabalho de Tardif e Harrisson (2005) compreende diferentes aspectos observados nos estudos sobre o tema.

Assim, por meio da análise dos objetivos específicos propostos, foi percebido que os dois casos possuem características semelhantes, conforme modelo de análise de Tardif e Harrisson (2005), como terem surgido num contexto caracterizado pela crise de violência, observado na dimensão “Transformações”. Na dimensão “Caráter Inovador”, os projetos geram uma “nova” economia do conhecimento. Além disso, na dimensão “Inovação”, notou-se que são de abrangência local, do tipo social e têm como finalidade o bem comum. Observa-se que os casos contam com a inter-relação de diversos tipos de atores, mas sem um vínculo com o Estado, conforme a dimensão “Atores”. Já em “Processos”, em ambos os casos há empoderamento dos beneficiários e de seus familiares por meio do processo educativo e

cultural, além de restrições como resistência e a tensão dos atores em relação às novidades, entre outros aspectos.

Porém, algumas diferenças importantes podem ser notadas, como na dimensão “Transformações”, já que as estruturas econômicas de desvantagem da região não exerceram grande influência no contexto motivador para criação da Associação Estação da Luz, diferentemente do caso da Associação Nossa Casa Mãe África. Em “Caráter Inovador” observa-se que não foi completamente evidenciada a geração de novos modelos em ambas as instituições. Além disso, na Associação Estação da Luz não observa-se uma nova forma de regulação social e não existe a participação direta dos beneficiários no processo da tomada de decisão. Ademais, pontuam-se os diferentes graus de formalidade e profissionalização encontrados nas duas instituições. Na dimensão “Atores”, a Associação Nossa Casa Mãe África não relata a participação de atores intermediários, como redes sociais de alianças ou comitês.

Dessa forma, o primeiro caso não se encaixa completamente na denominação por questões metodológicas, já que não apresenta algumas características fundamentais de uma inovação social, segundo Tardif e Harrisson (2005). Já o segundo caso, se encaixa, mas com ressalvas pela não participação especificamente das crianças no processo de tomada de decisão. Isso não desmerece o trabalho exercido nos dois casos. Apenas por questões metodológicas e de acordo com a teoria estudada, o primeiro caso se aproxima mais de uma organização do terceiro setor com baixa participação dos beneficiários nas decisões, com um caráter de assistencialismo.

As contribuições teóricas do estudo consistem em auxiliar a divulgação e entendimento do construto de inovação social, entendendo melhor o processo que o envolve, além de detalhar um modelo que pode ser mais amplamente estudado. Já as contribuições práticas estão focadas no fato do estudo aplicar empiricamente um modelo internacional no estado do Ceará, ajudando no seu entendimento em casos reais e suas limitações. Pois não só foi dito de forma dicotômica a ausência ou presença dos elementos de análise, mas foi descrito como eles ocorrem no cotidiano dos casos em análise.

A principal limitação da pesquisa consiste em não ter entrevistado os beneficiários, pois um diferente ângulo em relação a alguns elementos poderia ser identificado, agregando aos resultados do estudo. Dessa forma, para estudo futuros é sugerido que os beneficiários sejam entrevistados e analisar sob a perspectiva de outros modelos de inovação social se os resultados finais são diferentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, I; ABREU, A. Dimensões e espaços da inovação social. **Finisterra**, XLI, v. 81, p. 121-141, 2006.

ASSOCIAÇÃO NOSSA CASA MÃE ÁFRICA. **Início**. 2018. Disponível em: <<https://www.casamaeafrica.org>>. Acesso em 10 dez 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**: edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

BRASIL, G. M. *et al.* **Cartografia da criminalidade e da violência na cidade de Fortaleza**. Fortaleza, 2010. Disponível em: <<http://www.uece.br/covio/index.php>>. Acesso em: 10 dez 2018.

BOUCHARD, M. J. Social innovation, an analytical grid for understanding the social economy: the example of the Québec housing sector. **Service Business**, v. 6, n. 1, p. 47-59, 2012.

CEARÁ PACÍFICO: Movimento pela vida (Governo do Estado do Ceará). **O cenário da violência e da criminalidade no Brasil e no Ceará**: análise comparativa, 2017. Disponível



em: <[http://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/CP\\_Livro2\\_OCena%20CC%81rio-da-Viole%CC%82ncia-e-da-Criminalidade-no-Brasil-e-no-Ceara%CC%81.pdf](http://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/CP_Livro2_OCena%20CC%81rio-da-Viole%CC%82ncia-e-da-Criminalidade-no-Brasil-e-no-Ceara%CC%81.pdf)>. Acesso em: 10 maio. 2018.

CHESNAIS, J. C. A violência no Brasil: causas e recomendações políticas para a sua prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, n. 1, p. 53-69, 1999.

CLOUTIER, J. Qu'est-ce que l'innovation sociale? In: CRISES. Centre de Recherche sur les Innovations Sociales. **Cahier du CRISES**. Québec, p. 1-46, 2003.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Criteria. **Qualitative Sociology**, v. 13, n. 1, p. 3-21, 1990.

CORDEIRO, K. L. **Revista Gestão & Conexões Management and Connections Journal**. Vitória (ES), v. 8, n. 2, Mai./Ago, 2019.

CORREIA, S. E. N.; OLIVEIRA, V. M.; GÓMEZ, C. R. P. Dimensions of social innovation and the roles of organizational actor: the proposition of a framework. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 17, n. 6, p. 102- 133, 2016.

ESTAÇÃO DA LUZ. **Quem somos**. 2018. Disponível em: <<http://www.estacaoluz.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GONÇALVES, H. C. B.; QUEIROZ, M. R.; DELGADO, P.G. G. 2017. **Violência urbana e saúde mental: desafios de uma nova agenda?** *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 1, p. 17-23, jan.-abr. 2017. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i1/1256>.

MAURER, A. M. **As dimensões de inovação social em empreendimentos econômicos solidários do setor de artesanato gaúcho**. 2011. 190 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MOREIRA, T. P. **Dimensões da inovação social: o caso da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri**. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MOULAERT, F. *et al.* Towards alternative model(s) of local innovation. **Urban Studies**, v.42, n. 11, p. 1969-1990, 2005.

MOULAERT, F. *et al.* General Introduction: the return of social innovation as a scientific concept and a social practice. In: MOULAERT, Frank. *et al.* **The international handbook on social innovation: collective action, social learning and transdisciplinary research**. Northampton, MA: Edward Elgar Pub, 2013. p. 01-06.

MULGAN, G. *et al.* **Social innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated**. Oxford: Skoll Centre for Social Entrepreneurship, 2007.

PATIAS, T. Z. *et al.* Modelos de análise da inovação social: o que temos até agora? **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 4, n. 2, p. 125-147, 2017.

SATHYA SAI. **Organização Sathya Sai do Brasil**. Disponível em: <https://www.sathyasai.org.br/>. Acesso em: 03 maio. 2018.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, A.C.A.A.; SILVA FILHO, J.C.L. Dimensões da inovação social e promoção do desenvolvimento econômico local no semiárido cearense. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.

TARDIF, C.; HARRISSON, D. Complémentarité, convergence e transversalité: La conceptualization de l'innovation sociale au CRISES. In: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovation Sociales. **Cahiers du CRISES**. Québec, p. 1-81, 2005.

TONDOLO, R. R. P. Aspectos emergentes entre o terceiro setor e a inovação social: um olhar a partir do contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 1, n. 1, p. 21-36, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.